

Aloísio Resende, poeta dos candomblés: Diáspora negra, identidade e conflito no interior da Bahia

JOSIVALDO PIRES DE OLIVEIRA

Doutor em Estudos Étnicos e Africanos pela UFBA

Professor do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia/Campus VI

belpires1@ig.com.br

Resumo

O presente artigo se ocupa em narrar algumas posturas do poeta Aloísio Resende em defesa do candomblé, prática religiosa de tradição africana, um dos mais representativos símbolos da diáspora negra no Brasil. Nos anos 1930, a Bahia experimentou uma intensa campanha de repressão aos candomblés e suas práticas correlatas como os saberes mágico-curativos ou curandeirismo. A experiência da repressão implicou em formas de resistência por parte dos adeptos que tinham sólidos laços de pertencimento com estas práticas. Aqui analiso algumas situações nas quais o poeta Aloísio Resende combate a repressão aos candomblés na cidade de Feira de Santana, interior da Bahia, em meados do século XX.

Palavras-chave

Diáspora negra; Bahia; Candomblé; Repressão;

Abstract

This article engages in some postures narrate the poet Aloísio Resende in defense of Candomblé, the African tradition of religious practice, one of the most representative symbols of the black diaspora in Brazil. In the 1930s, Bahia experienced an intense campaign of repression of Candomblé and its related practices such as knowledge-magical healing or faith healing. The experience of repression involved in forms of resistance by supporters who had solid ties of belonging with those practices. Here I analyze some situations in which the poet Aloísio

Resende fighting repression of Candomblé in the city of Feira de Santana, Bahia, in the mid-twentieth century.

Keywords

Black diaspora; Bahia, Candomblé; Repression;

Na introdução do livro *Diáspora negra no Brasil* Linda M. Heywood pontuou algumas questões que caracterizam elementos de preocupação entre historiadores e antropólogos que tem se dedicado à dinâmica da diáspora e a experiência de africanos e crioulos no Brasil. A pesquisadora norte-americana interrogou em seu texto o quanto ainda se desconhecia acerca dessas experiências no que ela definiu como “processo de criouliização das comunidades americanas”.ⁱ Entretanto, importantes avanços têm sido feito neste sentido.ⁱⁱ

Nos anos 1990 surgiram vários trabalhos que desempenharam bastante atenção na origem africana das culturas diaspóricas. Estes trabalhos têm evidenciado uma considerável mudança de abordagem no campo da história. A ênfase tradicional em comércio escravo e tradição agrícola sobre os estudos de África foram dividindo interesses com outros temas como religião, política, música e tradições culturais simbólicas, os quais constituem os principais legados das comunidades afro-diaspóricas nas Américas.ⁱⁱⁱ É nesta dinâmica de trocas culturais que se pode entender a constituição dos saberes afro-brasileiros, que segundo a bibliografia está relacionado ao chamado mundo atlântico que se constituiu a partir do século XVII.

A abertura do Atlântico, conseqüência da navegação européia na chamada modernidade, foi crucial e teve um significado muito mais profundo do que possamos imaginar. Segundo John Thornton, este evento não só fomentou como reconfigurou um conjunto de sociedades, propiciando a criação de um “Novo Mundo”.^{iv} Essa nova configuração envolveu a África por completo, pois em meados do século XVII os africanos representavam a maioria dos novos colonos no mundo Atlântico.^v

O convívio dos africanos com as sociedades do Novo Mundo reelaborou lentamente uma experiência cultural de vida com as populações americanas influenciadas por características herdadas do além mar, sendo que nessa dinâmica de reinvenções culturais alguns valores foram perdidos, outros misturados. Herbert S. Klein afirma que

“a cultura que eles [os africanos] e os escravos nascidos nas colônias criaram derivou-se de fontes africanas, americanas e européias, e foi parcialmente compartilhada pela elite branca que os mantinha em cativeiro”.^{vi}

Muitos dos aspectos da cultura dos trabalhadores escravos eram comuns a outras sociedades escravocratas nas Américas sendo grande parte desenvolvida dentro do contexto latino americano. No Brasil assim como em outras regiões da América Latina, na experiência da escravidão, houve o desenvolvimento, por exemplo, de poderosos movimentos de práticas religiosas proscritas que foram intensamente influenciadas por diferentes divindades religiosas africanas.^{vii}

Essas experiências religiosas somadas à dinâmica da vida social entre africanos e crioulos, caracterizados inclusive por uma gama diversificada de conflitos e experiências culturais, implicou na criação de um sistema religioso, proporcionando assim uma melhor possibilidade de sobrevivência e adaptação dos africanos que chegavam e tinham que aculturar-se ao novo mundo em que se encontravam.^{viii} É nesse contexto que pode ser entendida a aparição histórica das religiões afro-brasileiras, a exemplo dos candomblés e suas práticas correlatas que despertaram, por parte das elites, em diferentes épocas e sociedades, constituídas por autoridades policiais, médicos, jornalista, etc., ferrenha perseguição. Entretanto, as ações de perseguição não demoravam em encontrar nos adeptos dos candomblés competentes defensores de seus valores espirituais e de suas instituições sociais. Este foi o caso do poeta Aloísio Resende, que gozando de sua condição de filho da diáspora negra, estava disposto, sempre que necessário, em postar-se a defender os candomblés.

Em 1938 podia-se ler no jornal *Folha do Norte*, do município de Feira de Santana, interior da Bahia, o desespero de um colunista que reclamava pela falta de repressão contra curandeiros^{ix} e candomblés na referida cidade, alegando que em século anterior levavam-se à polícia todos aqueles que as praticavam.^x Assinando em letras maiúsculas como “REGENERADOR”, o autor do texto se empenhou em criticar a festa da Micareta^{xi} e outros elementos que o mesmo considerava como “nosso atraso”, é justamente aí que investe contra as práticas de curandeiros e candomblés:

Os negros feiticeiros e os curandeiros em geral, eram perseguidos e expulsos, muitas vezes, dos municípios que residiam. Vejamos o nosso progresso nesse particular quando tudo evolue, tudo se civiliza, os feiticeiros existem ainda por aí a fóra, os *candomblés* em plenas cidades civilizadas e as cartomantes anunciam até pelo rádio os seus poderes *occultos!*^{xii}

Parecia estar o articulista realmente preocupado com estas práticas na cidade que ele definia como civilizada. Entretanto, as ríspidas linhas que o mesmo publicara tiveram resposta à altura. Pois na edição seguinte do mesmo periódico, podia-se ler a réplica:

Surgiu, a oito dias atrás, neste semanário, uma crônica, cujo autor ataca a próxima festa da *micarêta* e o candomblé, que diz existir nos arredores da cidade. Nada tenho com a *micarêta*. O candomblé, no entanto interessa-me de perto, como está interessando aos nossos melhores escritores. No entanto, ao passo que se criam sociedades de estudos africanistas, nas capitais do país, com o patrocínio dos governos, aparece, nesta terra um demolidor de velhas usanças.^{xiii}

Delicado com as palavras, o autor da réplica ironizou o seu contendor expondo-o a toda sociedade (ou pelo menos aos leitores do periódico) ridicularizando-o, imprimindo nele a condição de um desinformado sobre o movimento que naquele momento caracterizava o que se definiu posteriormente como a “reafricanização dos costumes”.^{xiv} Ou seja, na década de 1930 efervesciam os debates sobre o negro no Brasil, especialmente no aspecto de suas manifestações simbólicas e religiosas. O autor da réplica, Aloísio Resende, não fez referência involuntária aos escritores adeptos das culturas negras no Brasil. Ele próprio pode ser inserido, a partir daquele momento, no conjunto de intelectuais baianos que tinham na experiência afro-diaspórica a matéria prima para suas letras.

Havia, naquele período, um impetrante movimento de caráter ideológico e político que tinha como projeto a desaffricanização das ruas. As práticas afro-religiosas, assim como outras manifestações de matrizes africanas, foram alvos prediletos desta política de controle. No caso das religiões afro-brasileiras se registrou em diferentes partes do país um conjunto de processos criminais movidos pelas respectivas justiças contra adeptos destas práticas religiosas acusando-os de crimes contra a saúde pública, o que custou muitas condenações e carceragens para os membros das comunidades afro-religiosas no Brasil, inclusive na Bahia.^{xv}

Muitas das prisões dos adeptos dos cultos afro-brasileiros se deram sob a acusação de práticas de curandeirismo e feitiçaria, denominações de cunho jurídico que se aplicavam aos indivíduos que eram autuados no exercício de seus saberes mágico-curativos que ocorriam no espaço das casas de culto ou fora deles. As autoridades policiais não deram trégua para estes agentes despertando a ira não apenas das comunidades religiosas, mas também dos intelectuais brasileiros que entendiam estas práticas, assim como outras manifestações simbólicas, como acervos culturais de matrizes africanas no Brasil e por esta razão deveriam ser respeitadas e preservadas. Este ambiente conflituoso implicou em certa organização por parte de segmentos das populações negras e/ou simpatizantes das culturas negras no Brasil. O que explica a organização da Frente Negra Brasileira, o que também ocorreu na capital baiana deste período, assim como os referidos congressos afro-brasileiros realizados na década de 1930.^{xvi}

Quando Aloísio Resende, ao defender os candomblés dos ataques do “REGENERADOR”, informou a existência de sociedades de estudos africanistas,

obviamente se referia a década de 1930. Procurou, em primeiro momento, atestar a ignorância daquele que atacava o candomblé, mas com um “tapa de luvas”, chamou a atenção da sociedade feirense que já não cabia mais para sociedades “civilizadas” repressão policial ou ideológica contra os candomblés e suas práticas correlatas. O poeta, escritor e jornalista, Aloísio Resende estava muito bem informado sobre o que vinha ocorrendo no país nos últimos anos acerca da afirmação das manifestações culturais afro-brasileiras. Em novembro de 1934, por exemplo, ocorreu em Recife, capital do Pernambuco, o 1º Congresso Afro-brasileiro, seguido da experiência baiana, quando em janeiro de 1937, realizou o 2º Congresso Afro-brasileiro. Estes eventos constituíram-se em importantes espaços de debates sobre a experiência africana no Brasil e reclamavam, assim como Aloísio Resende, pelo fim da repressão policial e discriminação contra as culturas negras no Brasil, a exemplo das práticas afro-religiosas.^{xvii}

À frente da organização do 1º Congresso Afro-Brasileiro, estava nada menos que Gilberto Freyre, intelectual que a partir daquele momento se tornou uma importante referência das ciências sociais para a interpretação da cultura brasileira. Neste Congresso foram criados espaços para os debates em torno da história do negro no Brasil, muito dos quais orientados pela leitura e discussão do recém lançado livro *Casa grande & Senzala*, de autoria daquele que estava à frente da organização do Congresso. Gilberto Freyre contou também com o apoio de ilustres intelectuais pernambucanos daquele período como foi o caso do poeta Solano Trindade, ativista negro que participou da fundação da Frente Negra Pernambucana e de outras entidades de mesmo caráter. As repercussões políticas e intelectuais do 1º Congresso Afro-Brasileiro parecem ter tido resultados positivos no tocante ao movimento de valorização, defesa e preservação das culturas de matrizes africanas no Brasil, pois em 1937, foi realizado em Salvador, capital da Bahia, o 2º Congresso Afro-Brasileiro.

Em Salvador, a organização do Congresso ficou por conta de Edison Carneiro, jornalista e etnólogo baiano que se destacou por seus estudos e ativismo social em valorização das culturas de matrizes africanas na Bahia. Acompanhavam Édison Carneiro intelectuais como Aydano do Couto Ferraz e Reginaldo Guimarães. Além das comunicações de pesquisas etnográficas que eram realizadas pelos estudiosos, participaram também sacerdotes das religiões afro-brasileiras como Martiniano Elizeu do Bonfim e Mãe Aninha do Ilê Axé Opó Afonjá, importante terreiro de candomblé da capital baiana.^{xviii}

Mesmo com todo este interesse por parte de determinados segmentos em compreender a experiência das culturas de matrizes africanas no Brasil e, em especial na Bahia, ainda se assistia explicitamente a repressão a estas práticas, inclusive em sua dimensão mágico-religiosa, a saber: os candomblés e curandeiros.^{xix} Em Salvador, por exemplo, os jornais publicavam em uma mesma página, notícias sobre o 1ª Congresso Afro-brasileiro dividindo espaço com notícias sobre batidas policiais aos candomblés e prisões de sacerdotes acusados de feitiçaria e curandeirismo. Entretanto, em Feira de Santana, em 1938, anunciava o poeta Aloísio Resende: “E, para que ninguém se engane, para que ninguém se iluda nem se arrependa depois, saiba todo o mundo: ao lado do candomblé, a favor do candomblé, na defesa do candomblé estou eu aqui”.^{xx} Palavras do poeta dos candomblés na Princesa do Sertão.

Aloísio Resende nasceu em 26 de outubro de 1900, em Feira de Santana. Jornalista e boêmio, Zinho Faúla, como era apelidado, ficou conhecido dos leitores do jornal *Folha do Norte* por suas poesias e crônicas publicadas entre finais da década

de 1920 até o ano de 1940, pois o poeta faleceu em janeiro de 1941.^{xxi} Não viveu sempre em Feira de Santana, fizeram parte de sua trajetória cidades como Recife, em Pernambuco, Maceió, no Estado de Alagoas, São Luiz do Maranhão e Salvador, capital baiana, na qual, inclusive, durante a década de 1920, trabalhou no jornal *A Hora*.^{xxii}

No início da década de 1930 retornou a Feira de Santana e ingressou como jornalista no *Folha do Norte*, importante periódico de circulação local, onde atuou até seus últimos dias de vida.^{xxiii} Aloísio foi boêmio, freqüentador das quitandas e cabarés, mas também dos terreiros de candomblés, de onde muita inspiração tirou para sua produção literária. Segundo Ana Angélica V. de Moraes, “o olhar de Aloísio Resende sobre os elementos que constituíam o suporte de base afro, na formação da cidade, se explicita em seus versos”.^{xxiv} De fato o Jornal *Folha do Norte* publicou nos últimos anos de sua vida um conjunto de poesias de sua autoria, as quais dão visibilidade ao universo afro-brasileiro em Feira de Santana, com destaque a elementos representativos das práticas de candomblés, curandeirismo e batuques que ocorriam naquele período. Ainda segundo Ana Angélica V. de Moraes, o poeta era freqüentador do terreiro de uma mãe-de-santo conhecida por Mãe Filha (ou Filhinha como era mais conhecida), esta foi imortalizada nas estrofes de Aloísio Resende:

MÃE-FILHA

Entre a opala do céu e a esmeralda da terra,
Alvejando na várzea a luz do sol que brilha,
Vê-se, frente ao levante, a casa de mãe-filha,
Que da negra macumba os mistérios encerra.^{xxv}

Nota-se a admiração do poeta por mãe Filha. Não se trata de uma simples narração e sim do depoimento de alguém de dentro, um “nativo”, na concepção antropológica da palavra. Em diferentes momentos desse verso, como em outras composições, o poeta revela o universo de práticas afro-brasileiras como nenhum outro o fez em Feira de Santana neste período. Aloísio, que já foi denominado o “poeta contra a ordem”, era muitas vezes controverso na opinião de muitos colegas de ofício, contemporâneos do mesmo semanário feirense.^{xxvi} Enquanto muitos se ocupavam em denunciar as práticas dos curandeiros ao mesmo tempo em que cobravam ação mais enérgica da polícia contra os candomblés, o poeta explicitava em sua lírica poesia publicada nas páginas do mesmo periódico os saberes mágicos de mãe Filha:

De encantados sem par a prestimosa dona,
Sacerdotisa, enfim, de Nanan-burucu,
Que favores iguais recebe de Omolu,
É a melhor curandeira, aqui, de nossa zona.^{xxvii}

O poeta destacou o incomparável valor da mãe-de-santo identificando inclusive o seu prestígio com diferentes orixás, o que lhe garantia o posto de melhor

curandeira. Mãe Filha parecia ser de fato considerada a melhor curandeira da região de Feira de Santana, por certo período, pois referência a esta mãe-de-santo e competente curandeira foi registrada também na literatura memorialista de escritores feirenses como Antônio do Lajedinho.^{xxviii} Por enquanto continua-se com Aloísio Resende e o seu canto aos candomblés e curandeiras da Princesa do Sertão. Segue-se então um ilustrativo exemplo da defesa que fez o poeta às práticas de cura no universo mágico dos candomblés:

COISA-FEITA

Cairá enferma a jovem, de repente...
Desmaiado o sorrir, pálido o rosto,
Passava as tardes, no quarto e doente,
O olhar quebrado no horizonte posto.

Quase que muda, aos poucos, definhava,
Presa, coitada, ao mais atroz sofrer,
E o próprio noivo, a quem bastante amava,
Nem mesmo o noivo ela queria ver

(...)

Em torno dela os clínicos confusos,
Cheios de si, das láureas de doutores,
À mente davam como parafusos,
Mexendo estantes, consultando autores.

E as velhas amas da família aflita,
Se bem não fosse aquela idéia aceita,
Teimavam no dizer que a pobresita,
O que tinha era, apenas, coisa-feita

(...)

Da conversa, na altura a que chegara,
Lembraram, todas, num feliz momento,
De amiga, que vingança lhe jurara,
Quando fora pedida a casamento.

(...)

Dos médicos, enfim, desenganada,
Depois de gasta uma fortuna inteira,
Com proveitos, então, fora levada.
Às mãos bondosas de uma curandeira.

Hoje, sadia, linda como outrora,
Repele a burla, que bem mal lhe soa,
De se dizer pela cidade em fora:
- Doutor fulano lhe pusera boa!^{xxix}

Intitulada “Coisa-feita”, essa poesia faz referência a um provável feitiço do qual foi vítima uma jovem recém-casada. O seu casamento com um determinado rapaz incomodou a alguém que, por sua vez, lançou sobre sua sorte uma “coisa-feita”. Não

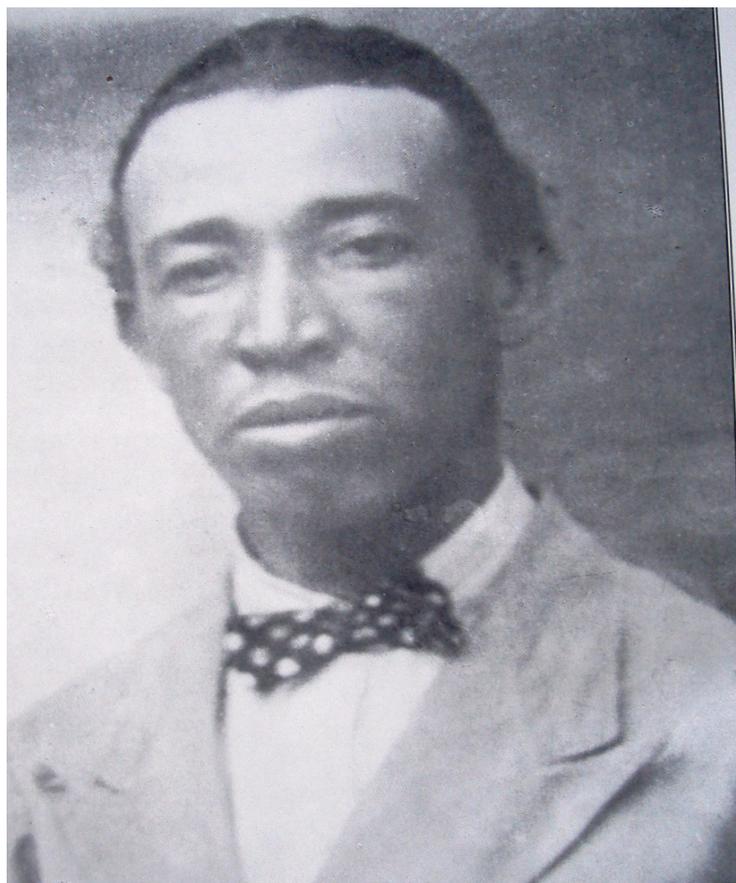
sei ao certo se este foi um fato verídico ou simplesmente uma retórica do poeta para discutir sua inabalável crença nas “coisas-feitas”. O fato é que alguns elementos característicos do objeto aqui trabalhado são revelados: o exercício do curandeirismo e o confronto entre as práticas curativas da medicina científica e dos saberes da “bondosa curandeira”. Aloísio Resende insinuou os limites do saber médico científico para resolver o caso em questão, atribuindo a responsabilidade do milagroso feito à curandeira. Entretanto, não deixa o poeta dos candomblés de alfinetar que depois do resultado positivo a fama de ter curado a jovem circula pela cidade: “- Doutor fulano que lhe pusera boa”. Ironiza ainda na defesa da legitimidade das “coisas” do universo do candomblé, e por sua vez revela ao pesquisador determinadas experiências que precisavam ter os seus silêncios quebrados, em especial do ponto de vista de uma história social das práticas afro-brasileiras na Princesa do Sertão.

O pertencimento religioso de Aloísio Resende o expunha muitas vezes entre os seus pares letrados, criando inclusive alguns obstáculos para sua ascensão social. O memorialista Antônio do Lajedinho, por exemplo, registrou em suas memórias um fato que informa aos leitores que Aloísio Resende foi “discriminado como cidadão e como poeta por um único motivo: era umbandista”.^{xxx}

Lajedinho, na verdade, se referia ao candomblé e denunciava uma discriminação que pode ser interpretada como preconceito racial e negação do culto afro-religioso, característico de determinado segmento da sociedade da época (problema este ainda não superado na atualidade), pois como lembrou o memorialista, o poeta “freqüentava todos os terreiros da região e suas poesias faziam apologia ao candomblé”. Em depoimento posterior aos seus escritos memorialistas, Lajedinho insistiu com a afirmação de que o poeta Aloísio Resende sofria discriminação por conta de sua relação com o candomblé:

Bom [ele] foi discriminado por dois anos, ele falava sobre o candomblé, ele não era branco e nem mulato, era tipo mestiço, tinha o cabelo meio crespo, mas ele adorava a cor negra, adorava especialmente pelo candomblé, que naquela época era proibido, só a religião católica era permitida. Todas as poesias dele se referiam aos negros e ao candomblé, não chegou a concluir o curso primário.^{xxxii}

Lajedinho informou que o poeta foi discriminado por dois anos. Acredito que ele se refira a algum período que Aloísio ficou sem publicar no jornal *Folha do Norte*, pois como afirmou o memorialista ele tinha preferência por abordar a experiência dos negros e dos candomblés feirenses.^{xxxiii} Cabe lembrar que Aloísio era um homem negro e pobre que incomodava com sua arguta inteligência e habilidade de escritor em uma sociedade de brancos que nem sempre tinham o domínio das letras, o que o poeta fazia muito bem. Aloísio era um testemunho das experiências dos candomblés em Feira de Santana.



Perfil de Aloísio Resende. **Fonte:** GAMA, Raimundo et. al. *Memória fotográfica de Feira de Santana*. Feira de Santana: Fundação Cultural de Feira de Santana, 1994, p. 134.

Segundo Domício Proença Filho, o posicionamento engajado de autores que tomam o negro como sujeito em suas narrativas literárias, só começa a se corporificar efetivamente a partir das décadas de 1930 e 1940.^{xxxiii} A obra desses autores se destaca como produto de escritores assumidos como negros ou descendentes de negros que procuram marcar em suas obras “a afirmação cultural da condição negra na realidade brasileira”.^{xxxiv} Aloísio Resende se enquadra perfeitamente nesta caracterização, constituindo a geração de escritores negros que protagonizaram uma narrativa engajada, denominada literatura negra. Pois, não encontrando escritor correspondente em Feira de Santana em sua época, foi Zinho de Faúla o poeta dos candomblés. Não simplesmente porque se apropriava das experiências afro-religiosas para criação de sua literatura, mas sim porque assumia publicamente a condição de zelador da integridade moral e política da religião dos Orixás.

Em outubro de 1940 um contemporâneo de Aloísio Resende, já percebendo sua saúde debilitada, escreveu para o jornal *Folha do Norte*, publicando uma matéria extremamente curiosa na qual revelava os elementos da diáspora que caracterizavam a postura do poeta como descendente confesso do povo de além mar:

Meu caro senhor, admiro seus versos que dizem dos costumes dessa gente, cujos descendentes merecem instrução e educação, porque as classes trabalhistas no Brasil são constituídas por crioulos e mestiços, em sua maioria. Guardam ainda seus cânticos guerreiros, hinos e saudações a Deus, e, por um egoísmo próprio da raça, chamam seus santos Xangô, Iemanjá, Ogum, Abaluaé, etc. sem que por isso mereçam pena de morte.^{xxxv}

O texto acima explicita um discurso que, ao mesmo tempo em que elogia Aloísio Resende e reconhece seu compromisso com as questões relacionadas ao universo afro-religioso, se manifesta intolerante ao culto afro-brasileiro, evidentemente ao qual estava vinculado o poeta. Entretanto, o trecho citado vale aqui como referência de outro testemunho da representação que a diáspora africana produziu em Feira de Santana. A África simbólica que circunscrevia o universo social, político e acima de tudo cultural que viveu o poeta negro Aloísio Resende e que por sua vez, através de suas poesias, rompeu silêncios da história das práticas afro-brasileiras, em especial a experiência de curandeiros e candomblés.

Outro elemento importante que pode ser destacado no texto é a sua autoria. O mesmo foi escrito por Vicente dos Reis, indivíduo de destacado prestígio social na cidade de Feira de Santana daquele período. Advogado, professor e preocupado com questões sociais que envolviam especialmente a infância na cidade, se revelava neste texto um admirador dos posicionamentos de Aloísio Resende. Vale destacar que Vicente dos Reis era um militante das causas sociais na Princesa do Sertão.^{xxxvi}

O texto que se finda aqui, limitou-se apenas a ponderar apenas sobre algumas questões a respeito da experiência do poeta dos candomblés, mas o suficiente para provocar reflexões em torno da experiência que a diáspora negra no Brasil produziu e como os agentes culturais vivenciaram essas experiências. Incomodando muito ou pouco Aloísio Resende não passou despercebido pela vida. Fez todos conhecerem, sem restar uma linha de dúvida, o seu grau de pertencimento com os candomblés, gritando alto e convicto que era ele o seu defensor. E se o poeta dos candomblés não passou despercebido pela vida, os registros que o mesmo fez serão tomados por muitos como pistas que possam constituir importante ponte para o passado na busca de se compreender aspectos da dinâmica da diáspora negra no Brasil, em especial histórias das práticas de candomblés na Bahia.

Fontes

Orais

Depoimento de Antônio do Lagedinho (Arquivo pessoal do pesquisador Denílson Lima).

Impressas:

Jornal Folha do Norte, Feira de Santana – Edições: 1938 -1940.

Poesias de Aloísio Resende publicadas no jornal Folha do Norte

Referências bibliográficas

- BACELAR, Jeferson. *A hierarquia das raças: negros e brancos em Salvador*. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.
- BRAGA, Julio. *Na gamela do feitiço: repressão e resistência nos candomblés da Bahia*. Salvador: Edufba, 1995.
- CARNEIRO, Edison. *Ladinos e crioulos: estudos sobre o negro no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962.
- CARNEIRO, Edison. *Ursa Maior*. Salvador: CED/UFBA, 1980.
- GAMA, Raimundo et. al. *Memória fotográfica de Feira de Santana*. Feira de Santana: Fundação Cultural de Feira de Santana, 1994.
- HEYWOOD, Linda M. (Org.). *A diáspora negra no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.
- KLEIN, Hebert S. *O tráfico de escravos no Atlântico: novas abordagens para as Américas*. São Paulo: FUNPEC, 2004.
- LAJEDINHO, Antônio do. *A Feira na década de 30 (memórias)*. Feira de Santana: Gráfica Santa Helena, 2004.
- MINTZ, Sidney W. e PRICE, Richard. *O nascimento da cultura afro – americana: uma perspectiva antropológica*. Rio de Janeiro: Ed. Pallas / Universidade Cândido Mendes, 2003.
- MORAES, Ana Angélica Vergne de et. al. *Aloísio Resende: poemas com ensaios críticos e dossiê*. Feira de Santana: UEFS/PPGLDC, 2000.
- OLIVEIRA, Josivaldo Pires. “Adeptos da mandinga”: *candomblés, curandeiros e repressão policial na Princesa do Sertão (Feira de Santana-BA, 1938-1970)*. Tese de Doutorado. Salvador: UFBA/Pós-Afro, 2010.
- NOVOS ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS (Trabalhos apresentados 1º Congresso Afro-Brasileiros no Recife em 1934). Recife: Massagana, 1988.
- O NEGRO NO BRASIL (Trabalhos apresentados no 2º Congresso Afro-brasileiro em Salvador em 1937). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1940.
- PARÉS, Luis Nicolau. O processo de criouliização no recôncavo baiano (1750-1800). In: *Afro - Ásia: Revista do Centro de Estudos Afro-Orientais da UFBA*, 33 (2005).
- PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. São Paulo, *Estudos Avançados*, 18 (50), 2004.

RESENDE, Aloísio. “Coisa-feita”. In: *Folha do Norte*, Feira de Santana, 17/08/1940, p. 1

RESENDE, Aloísio. “Mãe-filha”. In: *Folha do Norte*, Feira de Santana, 27/04/1940, p. 1.

THORNTON, John. *A África e os africanos na formação do mundo atlântico (1400-1800)*. Rio de Janeiro: Campus, 2004.

ⁱHEYWOOD, Linda M. (Org.). *A diáspora negra no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 22-23.

ⁱⁱA respeito do processo de criouliização em sociedades americanas ver MINTZ, Sidney W. e PRICE, Richard. *O nascimento da cultura afro – americana: uma perspectiva antropológica*. Rio de Janeiro: Ed. Pallas / Universidade Cândido Mendes, 2003. Para o caso mais específico da experiência baiana, ver: PARÉS, Luis Nicolau. O processo de criouliização no recôncavo baiano (1750-1800). In: *Afro - Ásia: Revista do Centro de Estudos Afro-Orientais da UFBA*, 33 (2005), p. 87-132.

ⁱⁱⁱIdem, p. 17.

^{iv}THORNTON, John. *A África e os africanos na formação do mundo atlântico (1400-1800)*. Rio de Janeiro: Campus, 2004, p. 54-55.

^vIdem

^{vi}KLEIN, Hebert S. *O tráfico de escravos no Atlântico: novas abordagens para as Américas*. São Paulo: FUNPEC, 2004, p. 176.

^{vii}Idem.

^{viii}Idem. Ver também MINTZ, Sidney W. e PRICE, Richard. *O nascimento da cultura afro – americana: uma perspectiva antropológica*. Rio de Janeiro: Ed. Pallas / Universidade Cândido Mendes, 2003.

^{ix}Curandeiros eram homens e mulheres que se apropriavam de saberes mágico-curativos para amenizar os sofrimentos de quem era acometido por alguma enfermidade ou possuído por algum outro tipo de mal. Suas práticas eram criminalizadas pelo Código Penal Brasileiro (Art. 282) e muitos dos seus agentes eram adeptos dos candomblés locais, o que implicou na criminalização, por parte das autoridades judiciárias e policiais, do culto religioso.

^xFeira de Santana, também conhecida como a Princesa do Sertão, foi emancipada politicamente da Vila de Cachoeira em 1833 se constituindo posteriormente a maior cidade do interior da Bahia. Tem atualmente aproximadamente seiscentos mil habitantes e mede cento e sete quilômetros da capital. Em meados do século XX, Feira de Santana, era um dos mais importantes entroncamentos comerciais do nordeste brasileiro e constituída por uma população de predominância negra, marcada por práticas culturais simbólicas de matrizes africanas a exemplo das práticas afro-religiosas como o candomblé.

^{xi}Micareta é a denominação de uma festa momesca que se assemelha ao carnaval e acontece em várias cidades brasileiras. Em Feira de Santana, a Micareta é realizada desde 1937, ocorre atualmente durante quatro ou cinco dias do mês de abril de cada ano, e conta com atrações de grande prestígio da música popular na Bahia.

^{xii}*Folha do Norte*, Feira de Santana, 15/10/1938, p. 1. [grifos da fonte].

^{xiii}*Folha do Norte*, Feira de Santana, 22/10/1938, p. 1. [grifos da fonte].

^{xiv}Ver BACELAR, Jeferson. O legado da escola baiana: para uma antropologia da reafricanização dos costumes. In: BACELAR, Jeferson. *A hierarquia das raças: negros e brancos em Salvador*. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

^{xv}A bibliografia sobre a repressão contras as religiões afro-brasileiras é extensa por isto indico ao leitor a consulta de minha tese de doutorado na qual situo esta bibliografia e analiso a experiência de Feira de Santana, interior da Bahia. A saber: OLIVEIRA, Josivaldo Pires. “Adeptos da mandinga”: candomblés, curandeiros e repressão policial na Princesa do Sertão (Feira de Santana-BA, 1938-1970). Tese de Doutorado. Salvador: UFBA/Pós-Afro, 2010.

^{xvi}Sobre a Frente Negra na Bahia, ver: BARCELA, Jeferson. *A hierarquia das raças: negros e brancos em Salvador*. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

^{xvii}As palestras e conferências realizadas nestes congressos podem ser consultadas respectivamente em NOVOS ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS (Trabalhos apresentados 1º Congresso Afro-Brasileiros no Recife em 1934). Recife: Massagana, 1988 e O NEGRO NO BRASIL (Trabalhos apresentados no 2º Congresso Afro-brasileiro em Salvador em 1937). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1940.

- ^{xviii} CARNEIRO, Edison. *Ladinos e crioulos: estudos sobre o negro no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962, p. 98-102. Aqui m capítulo intitulado: “O Congresso Afro-brasileiro da Bahia”, Edison Carneiro tece algumas críticas ao Congresso do Recife, especialmente Gilberto Freyre, o que constitui um interessante debate que o leitor poderá consultar tanto aqui quanto em CARNEIRO, Edison. *Ursa Maior*. Salvador: CED/UFBA, 1980, p. 43-46.
- ^{xix} Ver BRAGA, Julio. *Na gamela do feitiço: repressão e resistência nos candomblés da Bahia*. Salvador: Edufba, 1995.
- ^{xx} *Folha do Norte*, Feira de Santana, 22/10/1938, p. 1.
- ^{xxi} Vale ressaltar que Aloísio Resende foi autor de conhecidas marchinhas carnavalescas, muitas das quais publicadas no mesmo periódico. Os dados biográficos que faço referência aqui foram extraídos de MORAES, Ana Angélica Vergne de et. al. *Aloísio Resende: poemas com ensaios críticos e dossiê*. Feira de Santana: UEFS/PPGLDC, 2000. As referências às poesias e textos críticos publicados no jornal *Folha do Norte*, serão realizadas diretamente na fonte identificada nos periódicos. Por mais que as poesias que selecionei possam ser encontradas no livro organizado por Ana Angélica de Moraes, optei pela documentação que levantei nos periódicos para que eu pudesse ter maior liberdade no trato metodológico dos fragmentos. Entretanto, em situações indispensáveis farei referência à bibliografia.
- ^{xxii} PORTO, Cristiane de Magalhães. “Notas à margem”. In: MORAES, Ana Angélica Vergne de et. al. *Aloísio Resende*, p. 85.
- ^{xxiii} *Idem*, p. 87.
- ^{xxiv} MORAES, Ana Angélica Vergne de. “A africanidade na poesia de Aloísio Resende”. In: MORAES et. al. 2000, p. 100.
- ^{xxv} RESENDE, Aloísio. “Mãe-filha”. In: *Folha do Norte*, Feira de Santana, 27/04/1940, p. 1.
- ^{xxvi} Quanto à referida denominação Ver OLIVEIRA, “Um poeta contra a ordem”. In: MORAES, 2000.
- ^{xxvii} RESENDE, Aloísio. “Mãe-filha”.
- ^{xxviii} Ver a crônica intitulada: “Parteiras, rezadeiras e curandeiras”. In: LAJEDINHO, Antônio do. *A Feira no século XX – memórias*. Feira de Santana: Talentos, 2006. Lajedinho é o pseudônimo de Antônio Moreira Ferreira, filho de Francisco Ferreira da Silva e Zilda Moreira Ferreira, tendo nascido em 1925, em Feira de Santana. Escritor, rábula e ex-combatente na Segunda Guerra Mundial, já publicou diversos trabalhos memorialísticos sobre Feira de Santana da primeira metade do século XX.
- ^{xxix} RESENDE, Aloísio. “Coisa-feita”. In: *Folha do Norte*, Feira de Santana, 17/08/1940, p. 1
- ^{xxx} LAJEDINHO, Antônio do. *A Feira na década de 30 (memórias)*. Feira de Santana: Gráfica Santa Helena, 2004, p. 93.
- ^{xxxi} *Depoimento de Antônio do Lajedinho (arquivo pessoal de Denílson Lima)*
- ^{xxxii} Aloísio Resende não escreveu apenas sobre os candomblés e seus adeptos. Em sua produção literária, encontra-se belos sonetos de variado tema que tratavam de seus amores assim como outros gêneros, a exemplo da poesia erótica. Sobre o erotismo em sua produção ver: PEREIRA, Rubens Alves. *Venenos, olhos e o!dores: o erotismo em Aloísio Resende*. In: MORAES, 2000.
- ^{xxxiii} A literatura negra ganha força a partir dos anos 1960, por conta da influência que exerceram a questão racial dentro e fora do Brasil. O movimento da “negritude”, as lutas de libertação dos países africanos do domínio europeu, o movimento dos direitos civis dos negros nos Estados Unidos, dentre outras questões influenciaram intelectuais negros dentro e fora das universidades brasileiras constituindo assim um fôlego maior para a produção de uma literatura engajada com a militância dos movimentos sociais.
- ^{xxxiv} PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. São Paulo, *Estudos Avançados*, 18 (50), 2004, p. 16.
- ^{xxxv} *Folha do Norte*, Feira de Santana, 31/10/1940, p.1.
- ^{xxxvi} Além de ter atuado com pedido de habeas corpus em favor de muitos necessitados, Vicente Reis, assinava uma coluna no *Folha do Norte* intitulada “Pelos Pobres”, o que aponta certa peculiaridade em seus interesses. Sobre o prestígio desse advogado, ver a Carta Aberta, assinada pela senhora Alcina Dantas e publicada no *Folha do Norte*, em edição de 07/01/1939, p. 03.